



Apassionada por cavalos, a polista aproveita a vida no campo. No detalhe, durante torneio em Viena

**B**rasil: terra de samba, Carnaval, belas mulheres e homens de sangue quente. Estas são as coisas mais comuns ditas sobre este país, e para ser sincera, meu conhecimento se limitava a isto, até que atrás de uma grande paixão embarquei para São Paulo. Não, minha grande paixão não é um homem e sim o rei dos esportes e os esporte dos reis: o pólo!

Eu venho de uma família de jogadores de pólo, porém meu verdadeiro envolvimento com este esporte começou há apenas pouco mais de um ano. Foi definitivamente 'amor à primeira vista' e fez minha vida dar um giro de 180 graus: eu comecei a montar nos lugares mais exclusivos da Europa participando de alguns dos melhores torneios de pólo. Mas a Europa me parecia pequena: ao final de setembro chegaram a chuva, o frio e o fim da temporada. Os cavalos, após cansativos meses de disputas, foram soltos e os jogadores sul-americanos voltaram para o outro hemisfério do mundo e, por mais curioso que parecesse, eu fiz o mesmo: peguei meu equipamento, fiz minhas malas e entrei no primeiro avião. Destino: Fazenda Santa Helena, em Bebedouro, distante quatro horas de carro de São Paulo, onde a família Novaes me recebeu para participar do 8º Santa Helena International Cup.

Apesar de ter boas expectativas em relação ao evento, eu não estava esperando o que vi pela frente: não apenas um belíssimo lugar, com pessoas maravilhosas, comida incrível e natureza de tirar o fôlego, mas também um pólo jogado numa agradável atmosfera, com a perfeita mistura de desejo de vitória e diversão, de amizade e competição. Quando a temporada europeia acabou, eu não tinha a menor idéia de que o melhor ainda estava por vir: difícil derrotar Toscana, St. Tropez, Viena, mas o torneio de Santa Helena conseguiu fazer exatamente isso.

O mundo do pólo é pequeno, tão pequeno que, quando conheci por acaso Olavo Novaes em Sotogrande ano passado, eu não sabia que o pai dele tinha jogado durante muito tempo com meu tio. E tampouco sabia da maravilhosa experiência que é jogar com um grupo de pessoas totalmente diferente.



# La Donna

Descendente de importante família italiana, a polista Allegra Nasi narra sua paixão pelo pólo, os lugares fantásticos onde joga mundoafora e suas impressões sobre o Brasil





Toscana, St. Tropez e Viena foram alguns dos lugares onde Allegra deu suas tacadas na última temporada

Eu estou acostumada a ver sempre os mesmos rostos sob os capacetes multicoloridos, e as caras novas, vozes novas, novas maneiras de interpretar o jogo foram muito incentivadores, mais ainda quando esses espaços são infinitos, com vegetação tropical, cores e cheiros intensos; comida que é ao mesmo tempo diferente e conhecida, uma impressão muito parecida com aquela que tive das pessoas com as quais eu pude me identificar: mesmo ritmo, valores, estilo de vida. Este é um país de contrastes no qual vi, em um único dia, a pobreza das favelas e a riqueza do transporte de helicóptero, a vida simples no campo e complexa vida em uma metrópole como São Paulo.

E o que dizer do pólo em si? É diferente o suficiente a ponto de ser novo e cativante, mas parecido o suficiente para me sentir confortável. Na Europa, este esporte é muito exclusivo e praticado por

poucos; pelo tamanho dos nossos países e a conseqüente falta de espaço, os clubes – com poucas exceções – são menores e não há tantos bons jogadores; o mesmo não acontece no Brasil, onde jogadores amadores chegam a ter até 7 ou 8 gols de handicap, e o idioma espanhol não domina. Uma experiência agradável – e ao mesmo tempo confusa!

No geral, é bem diferente do que eu conheço: minha sensação é de uma atitude mais descontraída e mais prazer no jogo. E não podemos esquecer que enquanto na Europa os jogos são de quatro chukkers, no Brasil são seis. Definitivamente um plus (exceto em dias ruins, quando as chances de se frustrar aumentam; e nós sabemos o quão frustrante uma partida ruim pode ser!).

Verdade seja dita, os lindos campos, a incrível vista e a fantástica atmosfera fazem da frustração algo impossível. E se alguém se

sentir assim, os eventos que sucedem os jogos mudam o humor de qualquer um: na primeira noite, um belo jantar de pizzas (e uma ótima pizza, na opinião de um italiano, é para se acreditar!). Um festão na segunda noite, confirmando o talento brasileiro para bons momentos, e um churrasco na última noite em que, entre boa comida, drinques e promessas de jogar juntos novamente, o 8º Santa Helena International Cup chegou ao fim, e me deixou com vontade de voltar em breve. Pólo no Brasil? Com certeza um 'must do' para todos que amam este esporte e estão interessados em conhecer um país que reserva infinitas surpresas tanto dentro como fora dos campos, onde a atmosfera descontraída e ao mesmo tempo competitiva é exatamente o que eu queria encontrar quando embarquei em minha busca por outra dimensão do pólo.



Pertencente a uma família de jogadores de pólo, a italiana começou a taquear há pouco mais de um ano